

Miséria moral não atinge só o pobre

Diferente da miséria financeira, a miséria moral não é privilégio dos pobres, como afirma o psicanalista Jurandir Freire Costa, autor da tese de mestrado *Psicanálise e contexto cultural*, que virou livro. “Tem muita gente de classe média que perde um filho por overdose de cocaína ou tem um relacionamento conjugal que acaba em pancadaria”, exemplifica. No entanto, na hora de tratar a população de baixa renda com psicoterapias, alguns cuidados são necessários.

“As pessoas pobres reagem mal ao silêncio dos terapeutas, à forma interrogativa e ao excesso de intervenções e interpretações. Além disso, é preciso que o terapeuta fique atento para não querer educar e dar conselhos. Isso é mal recebido”, explica Jurandir, ressaltando assim alguns pontos de sua pesquisa, resultado da observação do tratamento psicoterápico do Hospital Pedro II, no Rio.

“Já tentei fazer terapia, mas não dá. Eles perguntam o que a gente faz, falam muito e não adianta nada”, procura explicar Elson Gonçalves da Cruz, 30 anos, licenciado em seu emprego numa empresa de transportes, onde era trocador de ônibus, por causa de distúrbios mentais. Agora, ele se trata no PAM Venezuela só com medicamentos. “Assim, eu me sinto melhor mais rapidamente”, diz ele. Elson entrou em crise há sete anos, quando fizeram “uma sujeira” com seu filho, então com três. Ele se recusa a entrar em detalhes, mas diz que desde então não parou mais de tomar remédios.

Já para Siléia de Souza, que começou a frequentar o PAM Venezuela na semana passada, a terapia é importante. “Alivia muito. Tem alguém para escutar a gente. Às vezes, um amigo está em situação pior que a nossa e não pode nos ajudar. A doutora tem paciência. Ela diz para eu não ficar em pânico, não fazer bobagem e pensar nos filhos que eu tenho”, conta.

Atentos à necessidade imediata que os pacientes demonstram de se sentir “aliviados” e à resistência a longas terapias, os centros de tratamento gratuito procuram encurtar o tempo de trabalho. A Santa Casa do Rio usa a terapia breve, com duração de cerca de um ano, centrada no problema principal (chamado de *foco*) trazido pelo cliente e detectado pelo terapeuta. “Não pretendemos oferecer respostas à ordem social vigente, mas compreender o paciente e dar a ele recursos internos para que volte à sua vida e à sua luta”, explica a psicóloga Ana Maria Stingel, que trata dos pacientes da Santa Casa.

Problemas que dependem de soluções que escapam à área de saúde, como desemprego e precárias condições de vida, encontram espaço nas sessões de psicoterapia. “Procuramos trabalhar com questões reais que estão atrapalhando a vida da pessoa. Fazemos uma avaliação para verificar se ela não está contribuindo para a situação e mostramos isso para ela”, explica a coordenadora de Psicoterapia da Santa Casa, Vera Lemgruber.